

# **DE PROFUNDIS - EXPERIÊNCIAS DO LITORAL (PRESENÇA DO ESPAÇO ARQUETÍPICO NO ROMANCE *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*, DE CLARICE LISPECTOR)**

Gilberto Figueiredo Martins\*

## **Resumo**

*As figurações literárias dos espaços privados - territórios da intimidade – têm sido reiteradamente revisitadas pela fortuna crítica da obra de Clarice Lispector. Entretanto, nos romances, contos e crônicas da escritora também não poucas vezes os espaços públicos são representados como localidades potencialmente promissoras para o desenvolvimento de processos de individuação de personagens e narradores. Calçadas, ruas, esquinas, grandes avenidas, bondes e parques são cenários privilegiados para o exercício de diferentes modos de subjetivação e formas de sociabilidade, sobretudo porque neles aumentam as chances de o sujeito se defrontar com variadas formas de encarnação da alteridade. Espacialidade arquetípica por excelência, o mar comparece em textos curtos de fundo autobiográfico e ganha destaque no romance de estréia de Clarice, *Perto do coração selvagem*, publicado em 1943. Privilegiando a interface Psicanálise/Estudos Literários, o ensaio apóia-se nos escritos teóricos de Melanie Klein para realizar a leitura interpretativa das imagens marítimas presentes no livro, vinculando-as ao processo de formação e de construção da subjetividade da protagonista Joana.*

**Palavras-chave:** *Literatura e Psicanálise; Clarice Lispector; Melanie Klein.*

## **Abstract**

*The literary figurations of private spaces – territories of intimacy – have been reiteratedly revisited by the critical fortune of Clarice Lispector's work. However, the public spaces in the writer's novels, short stories and chronicles are also often represented as potentially promising sites to the development of individuation processes of characters and narrators. Pavements, streets, corners, large avenues, trams and parks are privileged settings to the exercise of different forms of subjectivation and sociability, mainly because the chances for the subject to face the varied forms of incarnation of alterity are increased in them. Archetypal spaciality by excellence, the sea appears in short autobiographical-based texts and has an important role in Clarice Lispector's premiere novel, *Perto do coração selvagem*, published in 1943. Favouring the Psychoanalysis/Literary Studies interface, the essay is based on Melanie Klein's theoretical writings in order to carry out an interpretative reading of the maritime images in the book, linking them to the process of formation and construction of the subjectivity of the protagonist Joana.*

**Key words:** *Literature and Psychoanalysis; Clarice Lispector; Melanie Klein.*

\* Doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH da Universidade de São Paulo. Professor Assistente Doutor de Teoria da Literatura da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no campus de Assis/SP.

<sup>1</sup> Giorgio Agamben, *Infanzia e storia*, apud HARDMAN, 1998: 21.

*Aquele que tem na infância a sua pátria originária, rumo à infância e através da infância deve manter-se em viagem.<sup>1</sup>*

*O mar. Os imigrantes deviam isso aos filhos: o mar, o sol, o ar livre. As mães judias depositavam uma confiança ilimitada nas virtudes terapêuticas da praia de mar, principalmente no sentido de combater a crônica inapetência de seus magros filhos. De modo que vinham, mesmo por poucos dias, e lá ficavam, numa movimentada e barulhenta rotina que girava essencialmente em torno ao hotel, onde eram feitas as sempre abundantes refeições, onde se jogava baralho e onde às vezes havia baile. E o sol, e o mar – banho três vezes ao dia: de madrugada, antes do sol nascer (especialmente valioso), de manhã e de tarde.<sup>2</sup>*

*.../ Eu sou uma das pessoas que mais conhecem o mar.<sup>3</sup>*

Na ficção de Clarice Lispector (1920-1977), o prazer da vilegiatura litorânea aparece como matéria de memória em textos curtos de fundo autobiográfico. A crônica *Banhos de mar*<sup>4</sup>, por exemplo, relata os renovados passeios anuais da família da narradora (então criança e vivendo em Recife) às praias de Olinda, em deslocamentos vivenciados como verdadeiros percursos iniciáticos. A difundida crença no poder curativo da imersão em águas salgadas<sup>5</sup> (“Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar”) possibilita o ingresso da menina pobre no universo do ilimitado, do que nunca termina e que tem, portanto, o poder de satisfazer indefinidamente<sup>6</sup>. A evocação traz, para o presente da enunciação, a nostalgia de um tempo outro, no qual instantes de fantasia compensavam faltas reais e imaginárias:

*E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife. .../ Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.*

No tempo da enunciação, o empuxe nostálgico atrasa o relato, vindo à tona a consciência crítica de que a emoção

pletórica e a intensidade do vivido não cabem no limitado da palavra: “Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum .../ Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever”.

A felicidade momentânea – porém renovável – é vivenciada de modo fantasioso (do qual a expressão “ilha encantada” é índice comprobatório), como experiência de plenitude (“me tornava uma criança completa de alegria”) e promessa de satisfação de futuras fomes.

O rito começava sempre antes de o sol nascer, pela madrugada, com a cidade ainda escura. A travessia na noite (outro motivo recorrente nos cerimoniais de iniciação) era feita de bonde: a família dirigia-se, em jejum (“Porque meu pai acreditava que assim devia ser”), de Recife à localidade vizinha, onde se encontravam cabanas destinadas à mudança de roupas. Durante o percurso, a percepção da cidade escura: o espaço público é prolongado, sendo a chegada à praia a culminação do passeio urbano.

Na visão fantasiosa da menina, sedenta pelo mergulho no elemento natural, a sensação de pisar no terreno arenoso antecipava um prazer maior de *participar*, de *(re)ligar-se*, de experimentar uma relação nova com a natureza, satisfação prenunciada na metamorfose iniciada na cabina-casulo: “E nunca um corpo desabrochou como o meu quando eu saía da cabina e sabia o que me esperava”<sup>7</sup>.

O mar de Olinda era perigoso, o que só servia para ampliar o fascínio da criança por um lugar enigmático por excelência: medo e atratividade somam-se ao rol de dispositivos afetivos descritos na crônica. A descoberta individual e subjetiva permanece potente na memória e gesta o texto da maturidade.

Antes do mergulho, a posse visual do espaço horizontal e infinito. Na praia, reforça-se o prazer sinestésico nascido do contato direto com a substância; a menina, finalmente, bebe a água salgada, estabelecendo-se um grau de simbiose entre continente e conteúdo, harmonizando-se corpo e oceano, unidos e imaginariamente (con)fundidos: “O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. .../ O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer<sup>8</sup>: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco do mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele”. Renovada, fertilizada, fecundada, purificada e saciada, ela deixa

<sup>2</sup> SCLIAR, Moacyr. “Memórias judaicas”, in SCLIAR e SOUZA, 2000: 54.

<sup>3</sup> LISPECTOR, 1998: 170.

<sup>4</sup> LISPECTOR, 1999: 169/171.

<sup>5</sup> Em um rico estudo de história dos costumes, Alain CORBIN (1989) afirma datar de meados do século XVIII a difusão, na Europa, da crença do poder curativo do banho marítimo e, com ela, a recorrente realização de viagens rumo ao litoral.

<sup>6</sup> Ver, ainda, a crônica “Medo da eternidade” (LISPECTOR, 1999: 289-291). Para o estudo dos contos de fundo autobiográfico de Clarice Lispector, ambientados em Recife e nos quais o motivo da busca ilimitada de satisfação compensatória também aparece, ver MARTINS (2001 e 2002)

<sup>7</sup> “A vontade de viver o instante encontra sua cena lógica na areia disponível, de formas efêmeras. A concordância que se estabelece entre a instantaneidade do desejo e a vacuidade da praia ajuda a promover a fascinação exercida pelo lugar.” (CORBIN, 1989: 244)

<sup>8</sup> Em um fragmento de *A descoberta do mundo*, a escritora confessa, substituída a fantasia infantil pelas exigências da vida adulta: “O mar. Tenho deixado de ir ao mar por indolência. E também por impaciência com o ritual necessário: barraca, areia colada por toda a pele. E mesmo não sei ir ao mar sem molhar os (...)

a paisagem litorânea e, no caminho de volta, mobiliza a memória da pele – sensualmente lambe o braço para sentir o sabor do resto de sal, adiando por várias horas o banho de água doce: “Meu pai acreditava que não se devia tomar logo banho de água doce: o mar devia ficar na nossa pele por algumas horas. Era contra a minha vontade que eu tomava um chuveiro que me deixava límpida e sem o mar”.

O desejo renitente de fusão panteísta, de *pertencer* ao cosmos, nele imergindo e dele sorvendo uma parte, não deixa também de sugerir uma outra vontade: a menina realiza simbolicamente seu desejo de regressão, de indiferenciação, pela promessa de absorção – e aconchego – *de e por* um objeto infinito. Engole a água salubre e experiencia também a fantasia de ser engolida. Membro de um quadro familiar onde não comparece a mãe, ausência cuja reparação é incessantemente buscada, a criança mergulha, entregue a seu impulso de involução no corpo maternal-marítimo, que ritualisticamente a absorve<sup>9</sup>... E há, ainda, outras compensações: espaço público, o mar é o incomensurável, entretanto acessível às classes menos favorecidas, sendo possível vivenciar nele a ilusão da indiferenciação social (“Outras pessoas também acreditavam em tomar banho de mar quando o sol nascia”)<sup>10</sup>. Fora da água, cessada a “aventura”, a ilusão e a “ventura” são, contudo, relativizadas pelo teste da realidade: “meu pai tinha que trabalhar cedo”.

Por isso, em outra crônica<sup>11</sup>, a família vai domingo ao cais do porto e fica, literalmente, a ver navios. Circunspecto

e cabisbaixo, o patriarca fita melancolicamente as águas oleosas, inquietando as filhas. A menor delas senta-se em um alto banco giratório de bar e toma, pela primeira vez, *ovomaltine* (“escolheu uma coisa que não fosse cara, se bem que o banco giratório encarecesse tudo”). A altura do banco assemelha-se, magicamente, ao “*top of the world*”; a bebida é “grosso luxo”; o resto da família vira expectante platéia de uma “cerimônia” de iniciação ao “prazer” – a primeira “experiência da felicidade cara” e, portanto, como se sabe, clandestina. Resultado – náusea e vertigem:

*Todos assistindo. Lutou desde o princípio contra o enjô de estômago, mas foi até o fim, a responsabilidade perplexa da escolha infeliz, forçando-se a gostar do que deve ser gostado, desde então misturando, à mínima excelência de seu caráter, uma indecisão de coelho. Também a desconfiança assustada de que o ovomaltine é bom, quem não presta sou eu. Mentiu que era ótimo /.../ : dela dependia que eles acreditassem ou não num mundo melhor?<sup>12</sup>*  
*/.../ De volta o pai dizia: mesmo sem termos feito nada, gastamos tanto.*

Na biografia e na obra da escritora, agregam-se às águas oceânicas outras potências e promessas: rota de fuga, caminho de evasão e atalho para uma possível reterritorialização, o mar que trouxera ao Brasil a menina Lispector, em situação de exílio e fuga<sup>13</sup>, a conduz, ainda

(...)cabelos. E, chegando em casa, tem-se que tirar o sal.” (“O mar de manhã”, pág. 458). Entretanto, sabemos por intermédio da amiga Olga BORELLI (1981: 96): “Passeávamos juntas os domingos. Eu chegava a seu apartamento às sete e meia da manhã em ponto. Oferecia café e, se o tempo estava bom, íamos à Praia Vermelha, quase sempre deserta a essa hora. Esticávamos nossas esteiras, estendíamos-nos, e Clarice marcava trinta minutos no relógio, quinze para bronzear cada lado do corpo. Entrávamos na água, Clarice bebia três goles, e se molhava sem mergulhar.”

<sup>9</sup> No já referido “O mar de manhã”, lemos: “Como explicar que o mar é o nosso berço materno mas que seu cheiro seja todo masculino; no entanto berço materno? Talvez se trate da fusão perfeita do masculino com o feminino.” (LISPECTOR, 1999: 458).

<sup>10</sup> CORBIN (*op. cit.*, págs. 241/2), analisando obras de literatura e pintura produzidas nos séculos XVIII e XIX, refere-se ao mar como espaço em que se torna possível a todas as classes o “pleno acesso à condição humana”, o desenvolvimento de um “processo de individuação” e a “promoção do estatuto de pessoa”: “Esse território do vazio, onde a propriedade é abolida, onde o objeto readquire sua disponibilidade original /.../”. Ainda segundo o pesquisador, tal imagem estaria ligada, especialmente, à prodigalidade da Natureza em oferecer alimento indistintamente: “Aqui, a imagem fundadora é a do maná. O estirâncio assemelha-se a uma mesa cotidianamente servida pela Providência - ou pela Natureza. /.../ Sobre a areia molhada, a atividade resume-se à simples coleta de frutos. À imagem dos hebreus a caminho da Terra Prometida, os habitantes da beira-mar não precisam senão recolher esse maná cotidiano. A praia descoberta pela maré apresenta-se como o lugar da profusão /.../. O estirâncio representa também um efêmero território da igualdade: o pobre em busca do alimento ombreia com o rico, que, por distração, veio participar da coleta. Na beira do mar, repete-se não sem trair a realidade, não existe propriedade. /.../ A Natureza oferece aqui o exemplo de um justo equilíbrio /.../”. (pág. 225)

<sup>11</sup> Trata-se de “O passeio da família”, em LISPECTOR, 1999: 342.

<sup>12</sup> Cena semelhante é vivenciada pela personagem Macabéa, de *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1998a), quando, convidada a uma festa, empanturra-se desmedidamente e quase vomita, impedindo-se tão somente por lamentar o desperdício de comida geralmente tão inacessível: “Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia lugar para ela no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava. Isto é, um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de roscas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. /.../ No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa do nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate” (66).

Sempre que a nordestina ousa se apropriar do que lhe é fatalmente interdito, sofre alguma punição, geralmente no plano do corpo, antecipando seu destino final: “/.../ o luxo que se dava era tomar um gole frio de café antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar.” (33). Nesse mesmo romance, o narrador assim descreve os cenários públicos por onde vaga a protagonista: “Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo, um ou outro prolongado apito de navio cargueiro que não se sabe por que dava aperto no coração, um ou outro delicioso embora um pouco doloroso cantar de galo” (31, com grifos meus).

<sup>13</sup> “Fiz na minha vida várias viagens por mar. /.../ A primeira foi com menos de dois meses de idade, da Alemanha (Hamburgo) ao Recife: não sei que meio de transporte meus pais usaram para chegar da Ucrânia, onde nasci, para Hamburgo, onde meu pai procurou emprego mas, felizmente para nós todos, não achou. Nada sei sobre essa viagem de imigrantes: devíamos todos ter a cara dos imigrantes de Lasar Segall”. (LISPECTOR, 1999: 349).

adolescente, do Nordeste à capital carioca<sup>14</sup>, onde passará boa parte de sua vida e em cujo solo definitivamente repousará.

No entanto, conta-nos de Clarice a amiga Olga que “a última viagem de sua vida levou-a de volta a Recife: o objetivo era o reencontro com suas raízes e suas esperanças. Percorreu aí os lugares que viram o iniciar de sua inquietação, de sua ânsia de liberdade e o desabrochar dos primeiros textos. Sentada na Praça Maciel Pinheiro, no bairro da Boa Vista, olhando o pequeno sobrado onde morava em criança, ouviu maravilhada o velho pregão do vendedor ambulante de frutas: *Ô minina você qué pitomba?*”<sup>15</sup>.

### **Variações sobre o(s) tema(s) do aca(sa)la(me)nto**

A eleição do mar e da paisagem litorânea como motivos ficcionais, cenários arquetípicos e localidades simbólicas também se verifica em outros textos de Lispector, especialmente no seu romance de estréia, *Perto do coração selvagem*, de 1943.

No capítulo “... A tia...”, narra-se a viagem da protagonista Joana a uma cidade do litoral, onde passará a viver após a morte de seu pai, antes de finalmente ser mandada a um internato. Tal como na crônica “Banhos de mar”, o longo périplo se dá em hora matutina (“era muito cedo de manhã”), de bonde, revelando-se gradativamente os indícios da paisagem marítima, absorvidos por todos os sentidos da menina, que viaja acompanhada por uma criada. Nos trechos descritivos destinados a retratar a natureza acumulam-se vocábulos de carga semântica negativa, os quais remetem a imagens de fúria, castigo, dor e agressividade: a “areia afundando **mata** um cristão”; “debaixo dos grãos nasciam ervas magras e escuras que se **retorciam asperamente** à superfície da brancura fofa”; a “ventania /.../ **embaraçava** as saias entre as pernas, lambendo **furiosamente** a pele da menina e da mulher”; “os coqueiros se **retorciam desesperados**”; a “claridade a um tempo velada e **violenta** se refletia no areal e no céu”; “Meu Deus, o que acontecera com as coisas? Tudo **gritava: não! não!**” (36).

Embora inicialmente percebida como “refúgio”, a protetor da luz e do vento agressivos, a casa da tia, ponto de

chegada, logo é reconhecida como sombrio espaço de perigo, com “móveis pesados e escuros”, cercados pelos fantasmáticos “sorrisos dos homens emoldurados”: “Joana continuou de pé, mal respirando aquele cheiro morno que após a maresia forte vinha doce e parado. Mofo e chá com açúcar”. Rica em imagens e conclusivamente acertada é a leitura que do espaço da casa faz Regina PONTIERI (1999: 93):

Escura e abafada, a casa, lugar de clausura, remete ao significado morte, difuso pelo capítulo. /.../ Ausência de luz e ar, peso, prisão: imagens correlatas à da morte, pela experiência de sepultamento. Assim descrita, a casa manifesta seu parentesco metafórico com o corpo-túmulo da tia, aparecendo a Joana de modo grotesco e hiperbolizado.

A figura grotesca e hiperbólica da tia ocasiona sensações nauseantes na “orfãzinha”, que recebe “beijos angustiados pelos olhos, pela boca, pelo pescoço”, indefesa, “perseguida” e *sepultada* pelos seios enormes, “duas massas de carne macia e quente que tremiam com os soluços”. Segundo PONTIERI:

*/.../ Os seios formam saliências e reentrâncias. /.../ São fonte de nutrição e garantia de continuidade da vida. Mas neles também a vida se esgota. Tanto a nutrição como a sexualidade, que os seios agigantados destacam, são processos desveladores do corpo não como algo acabado e fechado, mas como espaço do devir. O corpo maternal da tia reúne as imagens antitéticas de berço e túmulo. O que nos devolve à falta inaugural da vida de Joana: a mãe ausente, função simbólica de vida e morte.*<sup>16</sup>

Joana tentava engolir o “enjôo” ao sentir que “a língua e a boca da tia eram moles e mornas como as de um cachorro”; mas evitar a náusea era impossível: a tia assoava ruidosamente o nariz; de dentro da casa chegava “um cheiro de feijão misturado com alho”; e a imaginação criava a certeza de que, “em alguma parte”, “alguém beberia grandes goles de azeite”<sup>17</sup>. Para piorar, a menina é obrigada, pela tia, a ingerir uma porção de bolo insosso. Tendo perdido um novo objeto *externo* e amado - o pai -, a criança acredita ter perdi-

<sup>14</sup> E na descrição desse novo percurso marítimo retornam os motivos da fome, da má escolha (ou *mala suerte?*) e da nutrição: “Outra viagem de mar de que me lembro foi na terceira classe de um navio inglês: de Recife ao Rio de Janeiro. Foi terrivelmente exciting. Eu não sabia inglês e escolhia no cardápio o que meu dedo de criança apontasse. Lembro-me de que uma vez caiu-me feijão branco cozido, e só. Desapontada, tive que comê-lo, ai de mim. Escolha casual infeliz. Isso acontece.” (Idem)

<sup>15</sup> BORELLI, *op. cit.*, pág. 43.

<sup>16</sup> PONTIERI, *op. cit.*, págs. 93/94. Lembro que Melanie KLEIN (1991: 164) relaciona as ansiedades de caráter persecutório a alguns casos de claustrofobia, os quais, segundo ela, incluem “o medo de ser aprisionado ou enterrado no corpo da mãe”.

<sup>17</sup> Ainda PONTIERI, *op. cit.*, págs. 94/95: “O corpo a corpo de Joana com a casa-corpo da tia produz percepções e sensações precisas. A escuridão e abafamento da sala se acrescenta a viscosidade do corpo da mulher, cujas mãos eram gordas, cujos seios *podiam derramar-se sobre ela, em gordura dissolvida*, viscosidade que impregna também a casa /.../”

do também o *pai bom*, *internalizado* e simbólico<sup>18</sup> além de reviver a experiência do luto por outra figura, única e insubstituível: a mãe<sup>19</sup>. Instalado dentro do ego e do próprio corpo da menina<sup>20</sup>, imaginária e metonimicamente representado como bolo indigesto, “esquisito e escuro”, com “gosto de vinho e de barata”, o cadáver do *pai (mau)* será expulso pela boca, sob forma de vômito, após o reconhecimento projetivo de um perseguidor fantasmaticamente encarnado nos enormes seios (maus) da tia<sup>21</sup> e naquilo que *tristemente* se esconde “atrás da cortina”: “Os seios da tia eram profundos, podia-se meter a mão como dentro de um saco e de lá retirar uma surpresa, um bicho, uma caixa, quem sabe o quê. Aos soluços eles cresciam, cresciam /.../. Os seios da tia podiam sepultar uma pessoa”<sup>22</sup>. A parente é vista, então, como projeção fantasiosa da frustradora *mãe má*, assustadora e vingativa, que lhe negara o seio nutridor, *roubaralhe* o pai e que tentava, ainda, agredir e atacar o interior do corpo da menina, pela imposição (indireta) da deglutição do bolo insosso e da *mala leche* danosa, viscosa e enjoativa, reforçando sua ansiedade retaliatória frente à ingestão de

alimento. A perda real do pai reinstaura a angústia de ter perdido todos os objetos bons internalizados e protetores, restando no interior e exterior da menina apenas o que persegue e pune.

Assim, ao excindir o pai hostil, Joana busca projetar para o exterior um perigo interno (basicamente, a atividade da pulsão de morte<sup>23</sup>) e quer atingir também, projetivamente, o ameaçador representante externo dessa pulsão, a saber, a mãe ausente. Não por acaso, o excremento da criança é depositado, vingativamente, perto da praia, numa “cavidade entre as rochas”, como ato simbólico que reconhece a função receptiva da vagina e do útero da progenitora morta<sup>24</sup>: “Sem se conter mais, a cólera e a repugnância subiram-lhe em vagas violentas e inclinada para a cavidade entre as rochas vomitou, os olhos fechados, **o corpo doloroso e vingativo**”. (38)<sup>25</sup>

Estudando os conteúdos de ansiedade e os mecanismos de defesa, fundamentos da paranóia e da mania, Melanie Klein<sup>26</sup> explica que os processos de expulsão e projeção servem ao ego como modo de se defender dos “perseguidores internalizados”<sup>27</sup>: ele “reúne contra os inimigos den-

<sup>18</sup> A internalização da figura do pai como *objeto bom*, recompensador e protetor, já aparecia figurado no hábito da menina Joana de carregar dentro do bolso da farda um homenzinho de papel que obedecia a todas as suas ordens e solicitações.

Segundo KLEIN (1996: 454, “O Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas”), a “relação com as figuras internas interage de diversas maneiras com a relação ambivalente da criança com ambos os pais como objetos externos. A cada etapa da introjeção de objetos externos corresponde a projeção de figuras internas para o mundo externo, e essa interação subjaz não só à relação com os pais reais, como também ao desenvolvimento do superego. Como consequência dessa interação, que implica uma orientação para dentro e para fora, há uma flutuação constante entre objetos e situações internos e externos. Essas flutuações estão ligadas ao movimento da libido entre as diferentes finalidades e objetos.” Ver, ainda, HILFERDING et al., 1991: 117 e ss..

<sup>19</sup> Em “O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos”, KLEIN (1996: 388) reafirma, na esteira das reflexões freudianas, que “o bebê possui sentimentos depressivos que atingem seu clímax pouco antes, durante e depois do desmame. É esse estado mental do bebê que chamei de *posição depressiva* e sugeri que se tratava de uma melancolia em *statu nascendi*. O objeto que desperta o luto é o seio da mãe, juntamente com tudo aquilo que o seio e o leite passaram a representar na mente do bebê: o amor, a bondade, a segurança. O bebê se sente como se tudo isso estivesse perdido como resultado de suas incontroláveis fantasias e impulsos destrutivos e vorazes contra os seios da mãe. Ao mesmo tempo, novas aflições em torno da perda (dessa vez de ambos os pais) surgem a partir da situação edípica, que tem início muito cedo e está tão ligada às frustrações associadas ao seio, que no princípio é dominada por medos e impulsos orais”.

<sup>20</sup> “De acordo com Freud e Abraham, o processo básico da melancolia é a perda do objeto amado. A perda verdadeira de um objeto real, ou uma situação semelhante que tenha o mesmo significado, resulta na instalação do objeto dentro do próprio ego. No entanto, devido a um excesso de impulsos canibalescos no indivíduo, essa introjeção fracassa e a consequência é a doença.” (KLEIN, 1996: 305, “Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos”).

<sup>21</sup> “A ausência da mãe desperta na criança a ansiedade de ser entregue a objetos maus, sejam estes externos ou internalizados. Isso poderia ocorrer por causa de sua *morte*, ou de sua volta sob a forma de uma mãe *má*.” (KLEIN, 1996: 308)

<sup>22</sup> A fixação infantil nos seios (grandes) de uma ameaçadora oponente também aparece no conto “Felicidade clandestina”, do livro homônimo. Ver MARTINS, 2001.

<sup>23</sup> KLEIN (1991: 53).

<sup>24</sup> No já referido estudo “Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina”, KLEIN (1997: 224) defende que “a vida sexual e o ego da menina são mais fortemente e mais duradouramente influenciados em seu desenvolvimento do que o são os do menino /.../. Os ataques que eles fazem com seus excrementos são dirigidos à mãe, em primeiro lugar ao seu seio e, em seguida, ao interior do seu corpo. Uma vez que os impulsos destrutivos da menina contra o corpo da mãe são mais poderosos e duradouros /.../, ela desenvolverá métodos mais fortes, clandestinos e sagazes de ataque, baseados na mágica dos excrementos e outras substâncias e na onipotência dos seus pensamentos, em conformidade com a natureza escondida e misteriosa daquele mundo dentro do corpo da mãe e do seu próprio corpo.” Segundo a psicanalista, enquanto o menino concentra seu ódio no pênis do pai, sendo seus sentimentos dirigidos em grande medida “para o mundo externo e para aquilo que é tangível e visível”, a ansiedade feminina (e seu respectivo controle) “permanece sob o domínio da relação dela [da mulher] com um mundo interno, com aquilo que é oculto e, portanto, com o inconsciente”.

<sup>25</sup> Também não à toa, Joana adulta vivenciará o fantasma da retaliação, temendo ser punida com a impossibilidade de gerar filhos, temor revelado no conflito verbal que tem com Lídia, amante de Otávio. Tendo agredido o interior do corpo da mãe, simbolicamente lá depositando excrementos, ficaria a certeza paranóico-persecutória de ter seu próprio interior mutilado, atacado, danificado, destruído. Ver ainda KLEIN (1996: 247, 273 e em “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas”, págs. 449, 457 e ss.).

<sup>26</sup> KLEIN (1996: 304-305, em “Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos”).

<sup>27</sup> “De acordo com minha experiência, a concepção paranóica de um objeto interno morto é a de um perseguidor secreto e estranho. Ele é visto como alguém que não está completamente morto e que pode reaparecer a qualquer momento de forma astuciosa e premeditada. Parece ainda mais perigoso e hostil porque o sujeito tentou se livrar dele ao matá-lo (o conceito de um fantasma perigoso)”. (KLEIN, idem, pág. 324, nota 2).

tro de seu corpo as mesmas forças que emprega para combater aqueles que existem no mundo exterior.” O reativo ato de agressividade contra os objetos maus internos – que se segue à vivência de uma experiência de natureza nauseante e dolorosa – será fundamental ao processo de individuação e maturação de Joana<sup>28</sup>: vomitando, defletindo o bolo indigesto, superando a “tristeza do corpo”, ela restaura ao corpo da *mãe má* o pai perdido, em um ato negativo-positivo de revide-doação (devolvendo-lhe metonimicamente o *bolofalo*, antes fantasiosamente roubado porque representava uma fonte substituta capaz de prover uma satisfação oral tremenda e infinita<sup>29</sup>). Posteriormente, com o trabalho natural do luto, sob a forma do par unificado/conjugado, os *pais combinados*<sup>30</sup> - representando as pulsões de vida - voltam a ser recuperados, reincorporados e reintrojados, como objetos bons com quem o sujeito se reconcilia, reestruturando-se seu mundo interior<sup>31</sup>. E isso se dará sensual e ritualisticamente... na “praia solitária”:

*Entreabriu os olhos. Lá embaixo o mar brilhava em ondas de estanho, deitava-se profundo, grosso, sereno. Vinha denso e revoltado, enroscando-se ao redor de si mesmo. Depois, sobre a areia silenciosa, estirava-se... estirava-se como um corpo vivo. Além das pequenas ondas tinha o mar – o mar. O mar – disse baixo, a voz rouca. (38, meu o grifo)*

Após a ejeção oral do incômodo corpo-morto, alteridade hostil e ameaçadora<sup>32</sup>, a menina sente seu próprio corpo revigorado, percorrido internamente pelo vento “salgado, alegre”. Renascida, ensaia com fragilidade seus novos *primeiros passos*: caminhava “fracamente”, com “pernas trêmulas”; logo “vacilava” e, “de cócoras”, “entrefechava os olhos”... Rebatizada, purificada, molha os pés na água salubre, dando reinício a uma nova origem, banhando sua base física e simbólica de sustentação. E, finalmente, bebe “um pouco de mar”.

Para a Psicanálise, a criança, ao nascer, vivencia sua primeira experiência radical de derrelição, marcada por uma

<sup>28</sup> “Um corolário fundamental da ansiedade, da culpa e dos sentimentos depressivos é o desejo de reparação. Dominado pela culpa, o bebê é levado a anular o efeito de seus impulsos sádicos através de meios libidinais. Desse modo, sentimentos amorosos, que convivem com impulsos agressivos, são reforçados pela pulsão de reparação. Fantasias reparatórias representam, às vezes nos menores detalhes, o anverso das fantasias sádicas; da mesma forma, ao sentimento de onipotência sádica corresponde o de onipotência reparatória. Por exemplo, a urina e as fezes representam agentes de destruição quando a criança sente ódio, e presentes quando sente amor; mas quando se sente culpada e é impelida a fazer reparação, os excrementos *bons* se tornam na sua mente os meios através dos quais poderá curar os danos feitos pelos excrementos *perigosos*. /.../ Assim, o desejo de dar e receber a gratificação libidinal é aumentado pela pulsão de reparação. O bebê sente que desse modo o objeto ferido poderá ser restaurado, e que o poder de seus impulsos agressivos diminui, seus impulsos amorosos se libertam e a culpa se reduz.” (KLEIN, 1996: 454/455).

Lembro que, embora nesse texto Melanie Klein se refira à psique do bebê, os comportamentos descritos podem ser encontrados, segundo ela, em crianças e adultos de qualquer idade, em graus e sob formas variáveis, como traços de um desenvolvimento “normal” ou não... Afinal, é esse exatamente um dos fundamentos basilares das teorias e práticas psicanalíticas. Ver, ainda, KLEIN (1991: 54) e, especialmente, KLEIN (1991: 280-297, “Nosso mundo adulto e suas raízes na infância”).

<sup>29</sup> Ver KLEIN (1996: 281 e “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”, especialmente as págs. 258/259). E, ainda, em KLEIN (1997: 232): “A posição feminina que está associada à internalização do pênis do pai faz que ela tenha medo do pênis *mau* do pai que ela internalizou. Mas essa ansiedade leva a um fortalecimento da identificação com o pai, pois a fim de contrabalançar esse medo ela ativa os mecanismos defensivos de identificação com o objeto de ansiedade. A posse do pênis que ela roubou dele desperta um sentimento de onipotência que aumenta sua fé na sua mágica destrutiva por meio de seus excretos. Nessa posição, seu ódio e seu sadismo contra a mãe se intensificam e ela tem fantasias de destruí-la com a ajuda do pênis do pai, enquanto simultaneamente satisfaz seus sentimentos de vingança contra o pai que a frustrou e encontra uma defesa contra a ansiedade em seu sentimento de onipotência e em seu poder contra ambos os pais.”

<sup>30</sup> Cf. KLEIN (1996: 215 e 1991: 229).

<sup>31</sup> Retomando e revendo as reflexões de S. Freud em seu estudo *Luto e Melancolia*, KLEIN (1996: 396 e 406, em “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”) conclui que “a dor trazida pela perda da pessoa amada é muito ampliada pelas fantasias inconscientes do sujeito, que acredita ter perdido seus objetos *internos bons* também. Ele tem a impressão, portanto, de que os objetos internos *maus* tornaram-se dominantes e que seu mundo interno corre o risco de se desintegrar. Sabemos que a perda da pessoa amada cria o impulso de reinstalar o objeto amado perdido dentro do ego.”; “/.../ A meu ver, porém, o indivíduo não só joga para dentro de si (reincorpora) a pessoa que acaba de perder, como também reinstala os objetos bons internalizados (em última análise, os pais amados), que se tornaram parte de seu mundo interno desde as etapas mais arcaicas de seu desenvolvimento.” Portanto, “/.../ No luto normal, o indivíduo reintrojeta e reinstala não só a pessoa que realmente perdeu, mas também os pais amados que são percebidos como seu objetos *bons* internos. Seu mundo interior, aquele que vinha construindo desde o início da vida, foi destruído em sua fantasia quando ocorreu a perda real. A reconstrução desse mundo interior caracteriza o trabalho de luto bem sucedido.” Ver, ainda, KLEIN (1991: 200, “Sobre a identificação”), KLEIN (1997: 255, “Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina”) e KLEIN (1991, “Sobre a teoria da ansiedade e da culpa”; especialmente págs. 52 e 53, onde se lê: “A introjeção desse objeto bom reforça o poder da pulsão de vida internamente”). Sobre as relações entre luto, introjeção e perpetuação do *bom objeto* e sobre o conceito de *mundo interior* na teoria de Melanie Klein, ver também PETOT (1992: vol. II, pp. 38-40).

<sup>32</sup> “A oposição entre o dentro e o fora não tem o estatuto de uma noção espacial, mas de uma divisão do campo psicológico entre um pólo de identidade fusional fundado na aceitação do que é bom e um pólo de alteridade ameaçadora constituído pela recusa do que é mau. Para falar a *linguagem das moções pulsionais orais mais antigas*, comer constitui simultaneamente o reconhecimento e a criação de uma intimidade ou interioridade à qual se opõe, mais do que uma exterioridade no sentido local, a alteridade do que só merece ser cuspidor.” (PETOT, 1992: vol. II, 185)

aguda insuficiência biológico-ontológica, tendo perdido irremediavelmente o abrigo da placidez narcísico-fetal<sup>33</sup>. Com o aleitamento, entretanto, parte dessa nostalgia de uma indiferenciação primeira, de uma união fusional com o outro, é suplantada pela comunicação interpessoal, pela intimidade física. Mais do que aporte de alimento e calor, a mãe é “o primeiro espelho da criança”, objeto primário indistinto do ego, do qual forma o núcleo<sup>34</sup>. É a interação com a agente da maternagem, autêntico *parceiro social*, que funda a confiança no *bom objeto*, ponto de partida das pulsões de vida<sup>35</sup>.

Sorvendo a água do mar, Joana revive a ambivalência do prazer e da gratidão prenhes de atitudes agressivas (sádico-orais e sádico-anais) que sustenta a relação do lactente com o organismo materno:

*E, de repente, assim, sem esperar, sentiu uma coisa forte dentro de si mesma, uma coisa engraçada que fazia com que ela tremesse um pouco. Mas não era frio, nem estava triste, era uma coisa grande que vinha do mar, que vinha do gosto de sal na boca, e dela, dela própria. /.../ Cobriu o rosto com as mãos esperando quase envergonhada, sentindo o calor de seu riso e de sua expiração ser novamente sorvido. A água corria pelos seus pés agora descalços, rosando en-*

*tre seus dedos, escapulindo clarinha clarinha como um bichinho transparente. Transparente e vivo... Tinha vontade de bebê-lo, de mordê-lo devagar. Pegou-o com as mãos em concha. O pequeno lago quieto faiscava serenamente ao sol, amornava, escorregava, fugia. A areia chupava-o depressa-depressa, e continuava como se nunca tivesse conhecido a agüinha. Nela molhou o rosto, passou a língua pela palma vazia e salgada. O sal e o sol eram pequenas setas brilhantes que nasciam aqui e ali, picando-a, estirando a pele de seu rosto molhado. Sua felicidade aumentou, reuniu-se na garganta como um saco de ar. Mas agora era uma alegria séria, sem vontade de rir. Era uma alegria quase de chorar, meu Deus.” (39)*

Contraopondo-se à hiância aterrorizante da cisão originária com o objeto, o *ritual* à beira da praia afoga a diferença e restitui internamente a unidade, a homogeneidade, reconstituindo uma espécie de matrimônio eidético, ideal, propiciador de abundância. A nexualidade recuperada, regida pelo princípio do prazer, é satisfação rediviva resultante da sensação onipotente de uma completude imaginária, primeira e imorredoura<sup>36</sup>, repetido o devaneio matricial, por via da experiência de fusão compensatória com a mãe<sup>37</sup> ocorrida durante o aleitamento.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> Cf. PELLEGRINO (1987: 316).

<sup>34</sup> “A mãe, objeto primário e fonte de toda bondade da vida é, para as fantasias inconscientes, uma parte inseparável de si mesmo /.../. Se sua perda é temida, é porque ela envolve a morte de si mesmo.” (PETOT, 1992: vol. II, 184).

<sup>35</sup> “A relação objetal mais arcaica já inclui a alienação, fundadora do ego, do sujeito na e através da imagem do outro. /.../ este ego ativo só pode atingir a representação de si pela formação de uma imagem do corpo que deve ser calcada na do objeto libidinal. Existem, na ocasião do nascimento, diferentes aparelhos do ego, mas que funcionam desarmonicamente. São descoordenados e não integrados. O ego só se integra e, portanto, só se constitui como tal através de sua identificação introjetiva com o bom objeto intacto.” (PETOT, 1992: vol. II, 186)

<sup>36</sup> Ver PELLEGRINO, *op. cit.*

<sup>37</sup> Gaston BACHELARD (1989: 119 e ss.) reafirma o “cunho fundamental da maternidade das águas”: “E se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial. /.../ A natureza é, para o homem adulto, diz-nos Marie Bonaparte, uma mãe imensamente ampliada, eterna e projetada no infinito /.../. Sentimentalmente, a natureza é uma projeção da mãe. Especificamente, acrescenta Bonaparte: O mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes símbolos maternos.” Comentando contos de Edgar Poe, o filósofo concluirá que muitas das imagens marítimas que inspiram o escritor advêm de “uma lembrança feliz, a mais tranqüila e aprazível das lembranças, a lembrança do leite nutritivo, a lembrança do colo materno /.../, lembrando mesmo o doce abandono da criança saciada, da criança que adormece ao seio que a amamentou.” (127) E, com base na obra poética de Paul Claudel, ratifica: “A intuição da bebida fundamental, da água nutritiva como um leite, da água encarada como o elemento nutritivo, como o elemento que digerimos com evidência, é tão poderosa que talvez seja com a água assim *maternizada* que se compreende melhor a noção fundamental de elemento. O elemento líquido aparece então como um ultraleite, o leite da mãe das mães. Claudel /.../ quer ele apreender o elemento enfim possuído, afagado, conservado, integrado em nós mesmos. Ao heraclitismo das formas visuais sucede o forte realismo de um fluido essencial, de uma maciez plena, de um calor igual a nós mesmos e que não obstante nos aquece, de um fluido que se irradia, mas que deixa ainda assim a alegria de uma posse total. Em suma, a água real, o leite materno, a mãe inamovível, a Mãe.” (130/131)

<sup>38</sup> Cf. Jules MICHELET (1983: 112), quando discorre poeticamente sobre a fecundidade do universo de matéria fluida que compõe a imensidão líquida do oceano. Na versão brasileira de **A água e os sonhos** (BACHELARD, 1989: 123), aparece a citação de um trecho da obra de Michelet, traduzido: “Essas águas nutritivas são adensadas com todos os tipos de átomos gordurosos, apropriados à mole natureza do peixe, que preguiçosamente abre a boca e aspira, alimentado como um embrião no seio da mãe comum. Sabe ele que está engolindo? Muito pouco. O alimento microscópico é como um leite que vem até ele. A grande fatalidade do mundo, a fome, pertence somente à terra; aqui, ela é prevenida, ignorada. Nenhum esforço de movimento, nenhuma busca de alimento. A vida deve flutuar como um sonho. Que será feito de sua força? Está toda reservada para o amor.”

No romance de Lispector, a voracidade da protagonista pelo sabor do leite/mar amplia-se e atinge outros alimentos, de configuração fálica. No trecho a seguir, a imagem fantasiosa do coito entre os pais (a introjeção do falo no corpo-útero materno) reativa movimentos psíquicos de projeção e identificação (os de castração, inveja do pênis e de auto-fecundação, por exemplo) e pulsões sádico-orais: “De manhã, café com leite e biscoitos. A tia sempre fazia biscoitos grandes. Mas sem sal. Como uma pessoa de preto olhando pelo bonde. Ela molharia o biscoito no mar antes de comer. Daria uma mordida e voaria até casa para beber um gole de café.” (41, com grife meu).

Também Regina PONTIERI (1999: 101) reafirma, como alguns dos elementos principais da vivência e do processo de individuação de Joana, a “ênfase no gustativo como expressão da oralidade que timbra a relação entre os corpos” e a “necessidade de diluir no elemento líquido cósmico aquilo que se cristaliza como corpo morto - bolo, biscoito, corpo humano etc.”.

Na ficção, realiza-se o ajustamento entre o espaço físico e as pulsões e afirmam-se as homologias entre as profundezas do mar e as do psiquismo. Somam-se agora ao medo e ao desamparo pela perda do pai, ocorrida na véspera, a sensação de preenchimento e o desejo de introjeção, de involução psicológica, como prelúdios ao exílio interior que possibilitará à menina o trabalho normal do luto<sup>39</sup>:

*Devagar veio vindo o pensamento. Sem medo, não cinzento e choroso como viera até agora, mas nu e calado embaixo do sol como a areia branca. Papai morreu. Papai morreu. Respirou vagarosamente. Papai morreu. Agora sabia mesmo que o pai morreria. /.../ O pai morreria como o mar era fundo! compreendeu de repente. O pai morreria como não se vê o fundo do mar. sentiu. Não estava abatida de chorar. Compreendia que o pai acabara. Só isso. E sua tristeza era um cansaço grande, pesado, sem raiva. Caminhou com ele pela praia imensa. /.../ Andou, andou e não havia o que fazer: o pai morreria. (39)*

Ao entrar em contato com a imensidão do mar, Joana finalmente revive, rememora e objetiva pela palavra o acontecimento traumático, reagindo ao fato e libertando-se do afeto a ele ligado. A realização do ritual assume, assim, estatuto de efeito curativo, catártico<sup>40</sup>. E no estirâncio, lugar da indefinição, da indecisão e da transição biológica<sup>41</sup>, o contato com os elementos (água, vento, areia e calor do sol) amplia a ânsia por encontro e fusionamento, aumentando a sede de comunicação com o objeto bom internalizado. O desejo de regressão intra-uterina figura-se na vontade de enterramento na areia, como subseqüente fantasia de devoração:

*Deitou-se de bruços sobre a areia, as mãos resguardando o rosto, deixando apenas uma pequena fresta para o ar. Foi-se fazendo escuro escuro /.../. Os grãos de areia picavam sua pele, nela se enterravam. Mesmo de olhos fechados sentiu que na praia as ondas*

*eram sugadas pelo mar rapidamente rapidamente, também de pálpebras cerradas. Depois voltavam de manso, as palmas das mãos abertas, o corpo solto. Era bom ouvir o seu barulho. Eu sou uma pessoa. E muitas coisas iam se seguir. /.../ Oh, ela sabia cada vez mais. Por exemplo, o mar. O mar era muito. Tinha vontade de afundar na areia pensando nele /.../. (40/41)<sup>42</sup>*

Imiscuir-se aos elementos permite efetivar, ao menos simbólica e parcialmente, a suplência do vazio e a reintegração imaginária ao/do outro, pelo encontro com a totalidade orgânica que funde masculino e feminino: “A experiência da corporeidade do ser, definindo-se e se fraturando em indivíduo, encontra na corporeidade infinita do mar o consolo pela perda da unidade primeira, o tudo é um que Joana entoa”.<sup>43</sup> Internalizadas e restituídas as boas relações de objeto, alcançada a mínima condição para o desenvolvimento da capacidade de integração e síntese – em oposição à cisão e à dispersão –, é vencida uma importante etapa rumo ao processo de maturação e individuação, pelo estabelecimento de um ego mais integrado e estável.

O ingresso de Joana na puberdade encontra-se narrado especialmente no capítulo intitulado “O banho”. Após questionar e infringir a Lei do Pai, praticando o ato proibido de roubar, a protagonista conclui, para surpresa da tia: “eu posso tudo” (50). E reviverá, superando-a, a cena edípica, reconhecendo-se vaidosa e dotada de poderosa pulsão libidinal: só que agora, em uma das pontas do triângulo, o novo e cobiçado objeto de desejo – o professor, já com sua “fome da velhice que se aproximava”; na outra ponta, sua esposa, bonita, sensual, madura, reconhecidamente superior... Com o embate, vacilando e sentindo forte vertigem, a adolescente, derrotada no confronto por aquela “coisa maldosa, ávida e humilhada” que alteava sua rival, foge mais uma vez para a praia, onde reconhecerá que “a doçura da infância desaparecia nos seus últimos traços” (“tenho cada vez mais força, estou crescendo, serei moça?”). A cena é repleta de imagens sensuais:

<sup>39</sup> O banho no mar, assim como o posterior mergulho em uma banheira, no internato, antecipam – figurando-o – um processo de recuperação ou renascimento, enfim superada a vivência lutuosa. Daí as “/.../ lágrimas que não mais se deixam ver nem ouvir porque se recolheram nas dobras da memória de um eu que pouco a pouco se junta ao desaparecido e se apaga diante de um novo eu, para uma vida outra, quando o trabalho do luto a abre, em outra vida.” (Jacqueline Moulin, “Um assim lento silêncio... Um silêncio de morte”, in NASIO, 1989: 145). E um dos modos de Joana reviver, reinscrevendo-se na vida, será por meio da escrita. Na autoria, e por meio dela, a menina far-se-á mulher.

<sup>40</sup> Gosto particularmente de como Regina PONTIERI (op. cit., pág. 100) descreve, sintetizando, esse momento do livro: “Findos os vários movimentos de fluxo e refluxo, expulsos os corpos estranhos indigestos - o bolo, a tia -, a total comunhão material com o mar permite agora a Joana formalizar como linguagem o impensado vivido. Pela experiência do corpo enquanto realidade fisiológica, ela dá corpo verbal ao antes inominado. /.../ A coisa, inicialmente imóvel atrás da cortina, vai paulatinamente se desvelando através de várias determinações concretas. De exterior à subjetividade, interioriza-se em uma coisa forte dentro de si mesma, envolvendo-a com a massa cósmica /.../. Até se configurar claramente como o último corpo, agora verbo, a ser vomitado.”

<sup>41</sup> Cf. CORBIN, op. cit., pág. 238.

<sup>42</sup> Regina PONTIERI (op. cit., pág. 102) analisa a cena lembrando que a ab-reação da morte do pai leva a protagonista a descobrir-se outra, ingressando finalmente no mundo das pessoas, “como se a dissolvência na massa marítima amorfa fosse condição da plena assunção de seu ser segregado.” Para o conceito de ab-reação, ver LAPLANCHE (1998: 1/2), onde se lê: “Descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou não continue sendo patogênico.”

<sup>43</sup> PONTIERI, op. cit., pág. 89.

Joana levantou-se e sabia que sua saia era curta, que sua blusa colava-se ao busto minúsculo e hesitante. Fugir, correr para a praia, deitar-se de bruços sobre a areia, esconder o rosto, ouvir o barulho do mar. /.../ Na areia seus pés afundavam e emergiam de novo pesados. Já era noite, o mar rolava escuro, nervoso, as ondas mordiam-se na praia. O vento aninhara-se nos seus cabelos, fazia esvoaçar como louca a franja curta. Joana não sentia mais tontura, agora um braço bruto pesava sobre seu peito, um peso bom. /.../ Estou cada vez mais viva, soube vagamente. /.../ Estava subitamente mais livre, com mais raiva de tudo, senti triunfante. No entanto não era raiva, mas amor. Amor tão forte que só esgotava sua paixão na força do ódio. Agora sou uma víbora sozinha. Lembrou-se de que se separara realmente do professor, que depois daquela conversa jamais poderia voltar... Sentiu-o longe, no ambiente que já agora ela recordava com espanto e sem familiaridade. Sozinha... (61)

Depois disso, representando perigo para os valores cristalizados de seus tios, Joana é enfim enviada a um internato. Lá, no quarto de banhos, uma banheira – mar miniaturizado (“Imerge na banheira como no mar”) – será o cenário ideal para a ritualização da imersão na água como ato que sanciona a entrada na puberdade, em uma vida nova e fecunda. Mas também, e mais uma vez, nesse ambiente morno e úmido em que uma criança passa a ser “jovem”, “moça” e mulher (“Ela mal se conhece, nem cresceu de todo, apenas emergiu da infância”)<sup>44</sup>, presenciamos o componente ativo do prazer aquático – a revivescência da satisfação de refúgio, calma e segurança, pela recuperação e substituição da experiência de interiorização no corpo materno. Lugar e substância são sexualizados e o amplexo lenificante do elemento evoca ainda a maturação, a fertilização e a união sexual, como prelúdios à possibilidade futura de uma fusão total, mesmo que imaginária: “Ri baixinho, move o longo pescoço de um a outro lado, inclina a cabeça para trás – a relva é sempre fresca, alguém vai beijá-la, coelhos macios e pequenos se agasalham uns nos outros de olhos fechados. – Ri de novo, em leves murmúrios como os da água. Alisa a cintura, os quadris, sua vida.” (65)

As imagens criadas por Clarice no capítulo “O banho” remetem simultaneamente à sensação ambígua e potente de “medo” e prazer, trazida pela impressão de afogamento e sufocação (a “felicidade asfixiante”), pela experiência temporária da submersão aniquiladora, pelo contato com a água que flagela, pela simulação de ser engolida, pela intensa comoção produzida na penetração brutal no elemento líquido, pelo devaneio voluptuoso e viril de um coito aquático...<sup>45</sup> O *aparelho da alma*, ao instaurar finalmente uma espécie de estado de fusão (ou de *sentimento oceânico*, tal como o designou Freud), estabelece paradoxalmente o pânico:

*O aspecto paradoxal é que o pânico instala-se precisamente nas condições em que esse estado fusional de apagamento dos limites do eu apresenta-se como possível e imediato. O pânico parece eclodir no exato momento em que o máximo gozo, tão ardentemente desejado, parece se tornar possível e imediato. /.../ o pânico poderia ser compreendido como um recurso afetivo desesperado para evitar uma experiência in-suportável de síntese absoluta e de totalização.*<sup>46</sup>

O desprazer e o desalento experimentados pelo recém-nascido se impõem também a Joana quando a água esfria e ela se vê obrigada a sair da outrora aconchegante banheira. As imagens evocam o momento-limite de um novo parto:

Quando emerge da banheira é uma desconhecida que não sabe o que sentir. Nada a rodeia e ela nada conhece. Está leve e triste, move-se lentamente, sem pressa por muito tempo. O frio corre com os pezinhos gelados pelas suas costas mas ela não quer brincar, encolhe o torso ferida, infeliz. Enxuga-se sem amor, humilhada e pobre, envolve-se no roupão como em braços mornos. Fechada dentro de si, não querendo olhar, ah, não querendo olhar, desliza pelo corredor - a longa garganta vermelha e escura e discreta por onde afundará no bojo, no tudo. Tudo, tudo, repete misteriosamente. (66, *meus os grifos*)

Após o banho, a nostalgia da protagonista por um mundo original, pela fusão a uma matriz prima e vera<sup>47</sup>, es-

<sup>44</sup> CHEVALIER E GHEERBRANT (1993: 120) lembram, com base nas *Epístolas* de São Jerônimo, que os banhos quentes “são considerados como uma busca de sensualidade da qual convém manter-se afastado”, sendo, portanto, “um atentado à castidade”.

<sup>45</sup> Um trecho do romance exemplifica bem o misto de imagens de vida e morte, de pureza e sensualidade, de ânsia pelo retorno ao líquido amniótico e desejo pela água seminal e fertilizadora, presentes no capítulo. O banho de Joana é, ao fim, um mergulho na totalidade: “Um mundo morno se fecha sobre ela silenciosamente, quietamente. Pequenas bolhas deslizam suaves até se apagarem de encontro ao esmalte. A jovem sente a água pesando sobre seu corpo, pára um instante como se lhe tivessem tocado de leve o ombro. Atenta para o que está sentindo, a invasão suave da maré. Que houve? Torna-se uma criatura séria, de pupilas largas e profundas. Mal respira. O que houve? /.../ Sobre o mesmo corpo que adivinhou alegria existe água - água. Não, não... Por quê? Seres nascidos no mundo como a água. Agita-se, procura fugir. /.../ Tudo. E essa palavra é paz, grave e incompreensível como um ritual. A água cobre seu corpo”. (65)

<sup>46</sup> PEREIRA, M. E. C. (1999: 69).

<sup>47</sup> “Para o psicanalista, a imersão é uma imagem da regressão uterina. Satisfaz uma necessidade de calma, de segurança, de ternura, de *recuperação*, sendo o retorno à matriz original, um retorno à fonte de vida. A imersão, voluntariamente consentida e que é uma espécie de enterramento, é a aceitação de um momento de esquecimento, de renúncia à sua própria responsabilidade, e *colocar-se fora do jogo*, uma espécie de *vacuidade*. /.../ Essa imersão intervém no tempo vivido como um hiato, uma solução de continuidade, o que lhe confere obrigatoriamente um valor iniciático. /.../ a regeneração iniciática adquire plenamente seu sentido de morte e renascimento /.../”. Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT (1993: 119). Ver também o capítulo “As águas e o simbolismo aquático”, em ELIADE (1998: 153-173).

tende-se ao quarto de dormir, onde, “na cama silenciosa, flutuante na escuridão, aconchega-se como no ventre perdido e esquece. Tudo é vago, leve e mudo.” (66)<sup>48</sup>. Mesmo lá, permanecem os resquícios e efeitos de uma experiência radical: as “sedes estranhas”, o desejo de “beijar e morder estrelas” (a fim de distrair a “sede cansada de pousar num fim”), a ânsia de internalizar e trazer tudo para “fulgurar dentro do corpo”, a “gula”, a “certeza de solidão física”, a respiração oprimida, o desamparo e a busca do “auge sem a queda”... E também a inspiração, que de tão intensa “dói em todo o meu corpo”. O discurso criador de Joana logo vem à tona em longos parágrafos, os quais jorram feito êxtase, vômito, gênese<sup>49</sup>. Eis um trecho:

*Sou pois um brinquedo a quem dão corda e que terminada esta não encontrará vida própria, mais profunda. Procurar tranqüilamente admitir que talvez só a encontre se for buscá-la nas fontes pequenas. Ou senão morrerei de sede. Talvez não tenha sido feita para as águas puras e largas, mas para as pequenas e de fácil acesso. E talvez meu desejo de outra fonte, essa ânsia que me dá ao rosto um ar de quem caça para se alimentar, talvez essa ânsia seja uma idéia – e nada mais. Porém – os raros instantes que às vezes consigo de suficiência, de vida cega, de alegria tão intensa e tão serena como o canto de um órgão – esses instantes não provam que sou capaz de satisfazer minha busca e que esta é sede de todo o meu ser e não apenas uma idéia? (70)*

Constitui-se, então, um complexo simbólico de tamanha força que a crítica sobre o romance raras vezes tem deixado de se referir à cena central desse capítulo. Fato semelhante ao que acontece com o último do livro, “A viagem”<sup>50</sup>. Uma gravura pregada à parede do quarto de um amante de Joana antecipa, sob a forma de *ekphrasis*, sua decisão final de partir: “O pequeno navio branco flutuava sobre grossas ondas, verdes, brilhantes e malfeitas /.../. Pelos olhos semicerrados o navio flutuava torto no quadro, as coisas do quarto espichavam-se, luminosas, o fim de uma dando a mão ao começo de outra” (165/166); “o naviozinho sobre as ondas excessivamente verdes, quase submerso. Entrecerravam-se as pálpebras e o navio movia-se.” (187). Desolada, usando o “dinheiro intocado do pai, a herança até agora abandonada”, Joana investirá no *tempo forte* da viagem, buscando – no exílio voluntário, no deslocamento espacial e no retiro geográfico – ligar-se à infância, também unindo o fim ao começo<sup>51</sup>, respondendo à sua necessidade premente de mobilidade<sup>52</sup>.

E, reproduzindo o “movimento de alguma coisa viva procurando libertar-se da água e respirar”, entregando-se às múltiplas buscas articuladas que manifestam a complexidade de seu desejo, conjugando vacuidade e força intacta, vazio imenso e animação incessante, dinamizando o Nada em que se encontra e que a constitui, é tragada pela forma espiralada do redemoinho, deslocando-se incessantemente

<sup>48</sup> Ratificando a relação dialética entre morte, sexo e nascimento no texto clariciano, lembro ainda o conto póstumo “Um dia a menos”, no qual uma mulher gorda, virgem e solitária suicida-se, deixando-se “cair de través na cama onde a tinham gerado.” (*A Bela e a Fera*, pág. 93).

<sup>49</sup> “/.../ a auto-reconstrução de Joana está articulada ao descobrimento de uma subjetividade que não se submete aos padrões da sociedade burguesa e patriarcal. O seu desejo de ser é representado numa economia narrativa em que os lexemas fome e sede – signos da falta – tecem uma rede metonímica – água, chuva, mar – a qual sinaliza um espaço imaginário de plenitude, evocativo das origens, do corpo feminino, do espaço materno esquecido. Fazer emergir a outra de si é resgatar esse espaço de cumplicidade através da palavra interdita, potência geradora de uma criatividade feminina rebelde, legado materno cuja história é recalçada pela determinação do testemunho do pai, permanecendo assim, de forma latente e residual, na recordação de uma imagem, operadora da alteridade e da identificação.” (Rita Terezinha Schmidt, “Clarice Lispector e Margaret Atwood: Nomear o não-dito”, in SCHMIDT, 2003: 179).

<sup>50</sup> Como exemplo, cito mais um trecho do ensaio de SCHMIDT (op. cit., pág. 93): “Joana está pronta para embarcar na experiência-limite de sua autoconstrução pois ela já detém a palavra que dará forma à transfiguração de seu *eu* no sujeito da criação. O último capítulo, *A viagem*, flagra justamente esse processo que, apropriadamente, pode ser definido como autogestação - a travessia, a passagem da latência à atualização do *eu* artista através da linguagem *fió de água pura* que agora dá total vazão ao desejo. O suporte imagístico do capítulo está calcado no elemento *água*. Como não poderia deixar de ser, é nesta *região líquida, quieta e insondável* que Joana se movimenta, uma região de abandono do *eu* personalizado e sentimentalizado, de entrega final do ego, de liberdade plena e fecunda, onde não há mais limites entre o sentir e o dizer, entre o literal e o figurativo, entre o sujeito e o objeto. É como se Joana estivesse no próprio ventre materno, não buscando a fusão e a morte, mas o reencontro e a vida /.../. O movimento e o ritmo do fluxo de consciência que culmina em sua autogestação confunde-se virtualmente com o movimento de um núcleo de vida libertando-se, em meio à convulsão da dor e do prazer, pela palavra fluida, plasma, matéria-viva. Princípio feminino desrepressado, sujeito e objeto de seu querer, de sua libido, de sua palavra. Nasce a artista, morre o desejo, inicia-se a viagem.”

<sup>51</sup> “Havia flores em alguma parte? E uma grande vontade de se dissolver até misturar seus fins com os começos das coisas. Formar uma só substância, rósea e branda – respirando, mansamente como um ventre que se ergue e se abaixa, que se ergue e se abaixa...” (190).

<sup>52</sup> Conclui Benedito NUNES (1989: 23/4): “Abandonada tanto pelo marido quanto por um amante ocasional, Joana vai, numa viagem sem destino e sem esperança, ao encontro de sua infância e de sua morte. Essas imagens da infância e da morte se unem num *de profundis*, grave monólogo do capítulo final, *A viagem*, de cuja expressão patética renasce, no curso de uma peregrinação iniciada quando o romance chega ao seu termo, a inquietação da liberdade e a promessa de uma vida plena. /.../ Continua, pois, nessa viagem, que deixa a narrativa suspensa à possibilidade de uma busca que recomeça, a errância da personagem. O inacabamento da narrativa reduplica a existência inacabada da protagonista.”

Uma das possibilidades de leitura para este final em aberto é exatamente relacionar a viagem de Joana à morte (por meio do suicídio?), que afinal permitiria a realização do impossível, a concretização do “tudo é um”, sempre ansiado por ela. A busca da morte seria, então, paradoxalmente talvez, pulsão de vida, reação radical contra a estagnação, o não-movimento. Unidas as pontas, enfim, “A morte a ligaria à infância.” (190/1).

do real ao imaginário, para finalmente criar uma longa prece destinada ao Grande Outro, uma fala madura dirigida ao Pai, vinda das profundezas da falta<sup>53</sup>:

*.../deus por que não existes dentro de mim? por que me fizestes separada de ti? deus vinde a mim, eu não sou nada, eu sou menos que o pó e eu te espero todos os dias e todas as noites /.../, sou só no mundo, quem me quer não me conhece, quem me conhece me teme e eu sou pequena e pobre /.../, minha desolação é funda como um poço /.../, quero me dissolver em lágrimas, das profundezas chamo por vós e nada responde /.../, das profundezas chamo por vós... (198/199)<sup>54</sup>.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos - Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A.. **Dicionário de símbolos**. 7. ed.. Trad. de Vera da Costa e Silva et al..Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio – A praia e o imaginário ocidental*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 2. ed.. Trad. de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e Progresso - Cultura Brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: UNESP, 1998.
- HILFERDING, Margarete et al.. **As bases do amor materno**. São Paulo: Escuta, 1991.
- KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Trad. de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Psicanálise de crianças**. Trad. de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Trad. de Liana Pinto Chaves (coord.). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. 3. ed.. Trad. de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 15. ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A hora da estrela*. 9. ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *A bela e a fera*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *Alter(c)idades – Um exercício de escalas (Espaço público, modos de subjetivação e formas de sociabilidade na obra de Clarice Lispector)*. Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Dr. Valentim Ap. Facioli. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Clarice Lispector: Evocações do Recife”. *Leitura – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*. Nº. 27 (Literatura e Psicanálise). Maceió: UFAL, jan./jun. 2001, p. 173-192.
- MICHELET, Jules. **La mer**. Paris: Gallimard, 1983 (Collection Folio).

<sup>53</sup> Melanie KLEIN (1996: 374-376, em “Amor, culpa e reparação”) relaciona o desejo de explorar novos territórios (a *pulsão de* explorações) à busca infundável pelo corpo - perdido - da mãe: “Na mente inconsciente do explorador, um novo território representa uma nova mãe, aquela que substituirá a perda da mãe real.” E conclui: “A exploração da mente inconsciente (um continente desconhecido descoberto por Freud, aliás) mostra que /.../ as terras de grande beleza simbolizam a mãe amada, e o anseio com que essas terras são procuradas deriva do nosso anseio por ela.”

<sup>54</sup> Os signos da morte explicitam-se, nesse capítulo, com a reiterada referência ao salmo bíblico de penitência (129/130), utilizado na *liturgia cristã dos mortos*, prece em que se exprime a confiança em um Deus redentor:

“De profundis

*Cântico das subidas*

*Das profundezas clamo a ti, Iahweh:/Senhor, ouve o meu grito!/Que teus ouvidos estejam atentos/Ao meu pedido por graça!*

*Se fazes conta das culpas, Iahweh,/Senhor, quem poderá se manter?/Mas contigo está o perdão,/*

*Para que sejas temido.*

*Eu espero, Iahweh,/E minha alma espera,/Confiando na Tua palavra;/Minha alma aguarda o Senhor/Mais que os guardas pela aurora.*

*Mais que os guardas pela aurora/Aguarde Israel a Iahweh,/Pois com Iahweh está o amor/E redenção em abundância:/Ele vai resgatar Israel/De suas iniquidades todas.”*

(A Bíblia de Jerusalém, “Salmos”, págs. 1096/7).

NASIO, Juan-David (org.). *O silêncio em Psicanálise*. Trad. de Martha Prada e Silva. Campinas: Papyrus, 1989.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem – Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

PELLEGRINO, Hélio. *Édipo e a Paixão*. In CARDOSO *et al.*. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (pp. 307-327).

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Solidão e alteridade em A hora da estrela, de Clarice Lispector*. In \_\_\_\_\_. (org.). **Leituras da Psicanálise - Estéticas da exclusão**. Campinas: Mercado de Letras/ABL, 1998 (pp. 11-34).

PETOT, Jean-Michel. **Melanie Klein (I e II)**. Trad. de Marise Levy *et al.*. São Paulo: Perspectiva, 1991/1992.

PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector – Uma poética do olhar**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *A ficção de Clarice – Nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto/ UFRGS, 2003

SCLIAR, Moacyr e SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma – Os judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.